Dia 15 — São Nicomedes, Mártir

Martirológio Romano

A oitava da Natividade da santa Virgem Maria.

São Nicomedes, presbítero e mártir, em Roma, na via Nomentana, o qual, como respondesse aos que o obrigavam a sacrificar aos ídolos: «Eu não sacrifico senão a Deus onipotente, que reina nos céus», foi açoitado cruelmente com cordas emplumbadas até entregar sua alma ao Senhor. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Valeriano, mártir, na diocese de Chalon; ao qual o presidente Prisco fez pendurar e descarnar cruelmente com garfos de ferro; e, vendo-o, não obstante, firme em confessar a Jesus Cristo e com ânimo alegre e intrépido publicando seus louvores, mandou degolá-lo.

Santa Melitina, mártir, em Marcianópolis, na Trácia; a que, no tempo do imperador Antonino e do presidente Antíoco, foi por duas vezes levada ao templo dos ídolos e, como uma e outra vez caíssem derribados os ídolos, foi pendurada e açoitada e por último degolada.

Os santos mártires Máximo, Teodoro e Asclepiodoto, em Adrianópolis; os quais foram coroados com o martírio no império de Maximiano.

São Porfírio, comediante, o qual, sendo batizado por escárnio na presença de Juliano, o Apóstata, mudado de improviso pela graça de Deus, confessou ser verdadeiro cristão; e, sendo logo degolado por ordem do mesmo Imperador, recebeu a coroa do martírio.

São Nicetas, godo, no mesmo dia, foi queimado por ordem do rei Atanarico em ódio da fé católica.

Os santos mártires Emila, diácono, e Jeremias, em Córdova; os quais, na perseguição dos árabes, depois de uma longa e penosa prisão, foram degolados pelo nome de Jesus Cristo. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Apro ou Evo, bispo, em Toul, na França.

São Leônio, bispo de Chartres, ídem.

São Aluíno, bispo, em Lyon.

A ditosa morte de Santo Aichardo, abade, no mesmo dia. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Eutrópia, viúva, na França.

São Nicomedes, Mártir

O nome de São Nicomedes tem sido muito recomendável desde o primeiro século da Igreja e muito célebre em Roma entre os que deram testemunho da fé de Jesus Cristo, tanto por sua constante confissão como pelo sacrifício de seu sangue. As notícias que temos da origem, vida e progressos deste ilustre Mártir, ainda que estão complicadas com as de outros heróis do cristianismo em termos que não se podem assegurar individualmente, com tudo nos dão uma ideia de sua grande sabedoria, de seus irrepreensíveis costumes e de seu sobressaliente zelo pela religião cristã, na qual fortificava os crentes, ao passo que reduzia à fé muitos pagãos.

A paz que havia sucedido à perseguição de Nero, que subsistiu por espaço de catorze anos nos reinados de Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano e Tito, favoreceu em grande maneira os fiéis para reparar o horroroso estrago que haviam sofrido antes e substituir com a frequente conversão de muitos fiéis a perda de uma multidão de crentes que faleceram naquela desgraça. Sucedeu no ano 81 de nossa era no império Domiciano, monstro horrível, porção de Nero, como o chama Tertuliano, não menos formidável que aquela fera nem menos tirano; o qual, para fazer-se mais temível aos homens, quis que em todos os escritos que se lhe apresentavam se lhe desse o nome de deus. Não se expressam as causas que moveram este iníquo Príncipe a empregar sua sanha contra os inocentes Cristãos, de quem não podia esperar o efeito daquelas apreensões que havia concebido contra o Senado; ainda que se crê que, sendo, como era, adicto como qualquer outro às superstições pagãs, advertindo a multidão de idólatras que desertavam delas para alistar-se sob as bandeiras de Jesus Cristo, condenando a antiga religião dos romanos, aceso num furor extraordinário, protestou acabar, como dizia, com a casa de Davi e destruir o edifício espiritual da Igreja. Animado desta ímpia intenção, expediu crudelíssimos editos a fim de exterminar, se pudesse, o nome cristão, em virtude dos quais as cadeias de Roma se encheram de pessoas de todas as idades, sexos e condições, e em todas as partes se ouviam os clamores de uma infinidade de Santos maltratados, afligidos, atormentados e crucificados. Nesta constituição lamentável distinguiu-se consideravelmente o zelo de São Nicomedes, presbítero da Igreja romana, cujo ministério lhe oferecia muitas ocasiões para fazer grandes serviços à Igreja, socorrendo e alentando os cristãos que eram perseguidos. Nisto empregava toda a sua autoridade, suas fadigas e seus trabalhos. Animava com suas exortações e socorria com esmolas os Confessores de Jesus Cristo, de que estavam cheios os calabouços: mantinha muitos que titubeavam nos tormentos e fortificava não poucos que desmaiavam à vista dos suplícios. Era o apóstolo dos Confessores e dos Mártires e, se parecia que em certa maneira expunha as vidas dos inumeráveis que enviou ao céu diante de si, seguramente não foi por perdoar a sua; pois se achava aceso em vivíssimos desejos de ser partícipe daquela dita, que efetivamente era a por que suspirava, estendendo-se sua caridade, depois dos gloriosos combates dos Mártires, a solicitar-lhes os últimos deveres da

sepultura, apesar da vigilância dos ministros pagãos, que impediam que se distinguissem os veneráveis cadáveres dos dos celerados que morriam em pena de seus enormes delitos.

O corpo de Santa Felícula, virgem, foi lançado às cloacas depois de seu glorioso martírio, que foi o prêmio da constância com que sustentou a fé e a defesa de sua virginal pureza contra os mais violentos ataques do conde Flaco, cegamente apaixonado de sua beleza, como o havia estado antes de Santa Petronila, a quem assistiu o mesmo Santo em sua última enfermidade, ministrando-lhe todos os Sacramentos e auxílios para seu feliz trânsito. Soube o Conde que Nicomedes, em uso de seu piedoso cuidado, havia extraído secretamente o cadáver de Felícula e que o havia sepultado numa pequena posse que tinha não muito distante de Roma: fê-lo prender como a transgressor dos editos imperiais; sobre cuja culpa e a principal da religião cristã lhe fulminou causa. Quis compeli-lo a que prestasse adoração aos ídolos; e, como o Santo havia sido preceptor de tantos gloriosos Confessores, que por sua instrução souberam refutar os discursos dos pagãos, numa proposição concisa respondeu ao tirano: «Eu não sacrifico senão a Deus onipotente, que reina nos céus, não aos deuses falsos de pedras lavradas, que se custodiam nos templos como reclusos nos cárceres»; por cuja confissão foi sentenciado a que morresse espancado, logrando neste castigo, que os verdugos executaram com uma crueldade desumana, a apetecida coroa do martírio no dia 15 de setembro; e, ainda que não nos consta com certeza o ano pontual de seu feliz trânsito, sabemos que foi no tempo da perseguição de Domiciano.

Diz-se que, havendo sido o corpo lançado ao Tibre, o extraiu dele certo clérigo chamado Justo e o sepultou no caminho de Nomento, onde se erigiu depois uma igreja em honra do Santo, que foi um dos títulos presbiterais das da cidade, segundo aparece pelos concílios romanos, nos quais se leem as subscrições de Genésio e Sebastião, presbíteros do título de São Nicomedes, sob cujo nome também houve em Roma um cemitério, que foi acabado pelo ano 620 pelo papa Bonifácio V.

Santo Aichardo, Abade de Jumièges

Santo Aichardo, a quem mais comumente se chama Santo Achardo, foi das mais nobres famílias de Poitou. Seu pai, Anscário, distinguiu-se muito nos exércitos no tempo do rei Clotário; e sua mãe, Ermena, ainda era muito mais distinguida por sua sobressaliente piedade entre as senhoras daquela província. Tomou a seu cargo dar a seu filho uma cristã educação, e este cuidado teve o sucesso que se podia desejar. Achou em Aichardo um natural tão feliz, um coração tão inclinado a todo o bom e um gênio tão suave, tão apacível e tão dócil que estas belas inclinações naturais deixaram pouco que fazer à educação. Logo que teve idade para começar seus estudos, foi posto a pensão no mosteiro de Santo Hilário de Poitiers, sob a disciplina de um santo monge chamado Ausfrido, ainda mais acreditado por sua virtude que por sua sabedoria. Fez em breve tempo tantos progressos na escola daquele célebre mestre que seu pai o tirou dela, a impulsos de seu espírito marcial, para que se exercitasse desde logo no manejo das armas, destinando-o ao serviço do rei, com segurança de que se faria digno dos maiores empregos. Mas eram muito diferentes os

pensamentos da virtuosa mãe sobre a fortuna de seu filho. Todo o seu desejo era vê-lo santo, e não cessava de representar a seu marido que, se queriam bem a seu filho, não deviam solicitar-lhe outra fortuna. Estando nesta piedosa contenda, chamaram Aichardo, que à sazão contava somente dezesseis anos; e, declarando-lhe seu pai com toda a resolução que o tinha destinado para a carreira das armas, sem consultar sua inclinação, respondeu-lhe o filho com respeitosa submissão que sempre o encontraria rendido à sua vontade, não tendo maior satisfação que exercitar-se em obedecer-lhe com o maior rendimento; mas que lhe havia de permitir fazer-lhe presente, com o mais profundo respeito, que tinha por certo que não era a vontade de Deus que ficasse no mundo; pois, havendo entendido aos sete anos de sua idade que sua mãe o havia consagrado com voto ao serviço do Senhor, achando-se em perigo de vida ao tempo de dá-lo à luz, ele mesmo havia ratificado também o voto de sua mãe, prometendo a Deus não servir a outro rei que a sua Majestade. Movido o pai de um discurso tão judicioso como cristão, não pôde conter as lágrimas e, mudando de tom, disse-lhe: «Não posso, filho meu, opor-me ao partido que tomaste, sendo tão bom. Bem merece Deus ser preferido a todos os monarcas da terra; e, visto que determinaste consagrar-te absolutamente a seu serviço, tens para isso não só meu consentimento, mas também minha bênção.»

Obtida esta, só pensou Aichardo em pôr em execução seus piedosos intentos. Já desde os dez anos fazia uma vida inteiramente religiosa. Sua piedade, seu frequente retiro à oração, sua terna devoção à santíssima Virgem e suas penitências eram superiores à idade; e assim nunca perdeu o candor da primeira inocência. Pela fama que tinha à sazão o mosteiro de São Jovino nas extremidades do Poitou, resolveu-se a entrar nele, e muito desde logo se deixou admirar de todos sua virtude, tanto que os monges mais anciãos, ao ver os maravilhosos progressos que fazia no noviciado, prognosticaram que com o tempo seria uma das mais brilhantes luminárias da Igreja.

Achando-se seus pais sem herdeiros, passaram ao mosteiro e lhe fizeram doação de todos os seus bens; mas nosso Santo, que todos os havia abandonado quando voltou as costas ao mundo, deixou-lhes livre a disposição de todos; em cuja virtude os devotos pais fundaram um mosteiro numa de suas posses chamada Quinçay, a légua e meia de Poitiers, pondo-o sob a disciplina de São Filiberto, abade de Jumièges, que, fugindo da perseguição de Ebroíno, mordomo do palácio, celebrou muito encontrar aquele asilo. Logo que se acabou a fábrica do mosteiro, sabedor São Filiberto do mérito e das prendas de Aichardo, o nomeou por seu primeiro abade; e, apesar da resistência que sua humildade fez a tão acertada eleição, foi-lhe preciso obedecer, sendo em breve tempo o novo mosteiro de Quinçay modelo de observância aos demais mosteiros de todo o reino.

Mas, como Ebroíno nunca quisesse permitir que São Filiberto voltasse a Jumièges, foi preciso pensar em outro abade para este mosteiro; cujos monges, movidos da reputação de nosso Santo, o pediram por superior. Pareceu expediente ditado do céu; porque São Filiberto estava livre para suceder em Quinçay a Santo Aichardo, enquanto Santo Aichardo sucederia em Jumièges a São Filiberto. Só restava vencer a resistência de Ansoaldo, bispo de Poitiers, a quem custou muito trabalho reduzir a que consentisse em que nosso Santo saísse de seu bispado. Mas São Filiberto, que considerava o mosteiro de Jumièges como a principal e a mais perfeita de todas as suas fundações, nunca se pôde resolver a ceder seu governo a outro que a Santo Aichardo, cuja virtude tinha tão conhecida. Contentou-se, pois, com ficar de monge particular em Quinçay; e, renunciando a abadia de Jumièges em favor de Santo Aichardo, viu-se este precisado a mudar de

mosteiro. Passou a Rouen para receber a bênção de seu arcebispo Santo Ouen e dali partiu a Jumièges, onde encontrou novecentos monges, que se consolaram muito em breve pela perda de seu primeiro abade São Filiberto, conhecendo a santidade e o mérito de seu digno sucessor.

Ao princípio não lhes fez outra exortação que a de seus exemplos; mudas, mas na verdade eficacíssimas lições. Os monges, vendo seu frequente trato com Deus na oração, sua compostura, sua modéstia, sua grande suavidade e sua penitente vida, desejavam com ânsia ouvir falar o que viam obrar com tanta edificação. Fez-lhes, pois, umas práticas espirituais tão eficazes e tão fervorosas; exortou-os ao amor de Deus e da santíssima Virgem com tanta eloquência e com tanta moção; falou-lhes da abnegação de si mesmos, do esquecimento do mundo e de tudo o criado com tanta energia que visivelmente se reconheceu tão aumentado o fervor e o exercício de todas as virtudes naquela numerosa comunidade que, entre mais de novecentos monges que se contavam nela, havia poucos que não fizessem milagres.

Ao santo Abade havia-lhe concedido o céu este dom muitos anos antes. Estando um dia em oração dentro de sua cela, viu o demônio que, com um machado de fogo, estava dando ao pé numa árvore muito corpulenta, debaixo da qual estavam trabalhando os monges, para que ao golpe dela ficassem mortos alguns. Passou ao ponto ao mesmo sítio, fez o sinal da cruz, afugentou dali o inimigo e mostrou aos religiosos a árvore queimada e meio cortada ao pé, que despedia de si um odor de enxofre intolerável. Propuseram ao santo Abade se queria que a acabassem de cortar para tirar ao inimigo aquela ocasião de fazer-lhes dano. «Não, irmãos meus, respondeu o Santo; deixemo-la assim para monumento do benefício que vos fez o Senhor livrando-vos da malícia do inimigo da salvação. Sempre que a virdes servirá para renovar vosso reconhecimento e para advertir-vos que deveis estar continuamente prevenidos contra os artifícios do espírito maligno.»

Costumava o Santo, depois que os monges se recolhiam em suas celas, visitar todos os dormitórios com a cruz e a água benta, para expelir deles o espírito das trevas, que está sempre armando laços aos servos de Deus, mas com especialidade durante o sono da noite. Teve nesta piedosa função muitas visões, das quais se valia oportuna e proveitosamente para conservar aquele prodigioso número de religiosos no fervor, na mais exata observância e no candor da inocência, apesar dos esforços que fazia o inferno para induzi-los ao relaxamento. Conhecendo num êxtase que já só lhe restavam alguns meses de vida, aumentou a oração, as devoções e as penitências.

Achava-se um dia em oração com todos os monges e de repente sentiu traspassado seu coração de uma vivíssima dor com o temor que então o assaltou de que, depois de sua morte, aqueles filhos seus, que com tanto desvelo havia criado no exercício das mais heroicas virtudes, não viessem pouco a pouco a relaxar-se, decaindo daquela elevada perfeição a que haviam ascendido com as graças que lhes haviam conseguido do céu suas exortações, seus cuidados e seus exemplos. Vivamente preocupado desta apreensão, sentiu-se movido a pedir fervorosamente ao Senhor que, antes de sua morte, fosse servido de chamar a si todos aqueles que, depois dela, corriam perigo de relaxar-se e de perder-se. Foi ouvida sua oração; na noite seguinte, estando o santo Abade no coro com todos os monges, viu um Anjo vestido de branco, rodeado de uma luz resplandecente, com uma varinha na mão, e que ia tocando com ela muitos religiosos. A outro lado viu um espantoso demônio, lançando fogo e chamas pelos olhos, cheio de raiva e de furor, que fazia horríveis contorções. Assombrado com esta visão e pensando no que podia significar, ouviu o

Anjo que estava repreendendo severamente o demônio porque tinha atrevimento de aparecer em tão santo lugar e em meio àquele crescido número de verdadeiros servos de Deus que, por sua perfeita obediência à menor insinuação do Superior, por sua profunda humildade, por sua exata observância e pelos contínuos rigores de sua penitência, se haviam conservado numa grande pureza de costumes; e cujos nomes tinham a dita de estar todos escritos no livro da vida. Aproximando-se depois do santo Abade, disse-lhe: «O Senhor ouviu tua oração: adverte a todos os que toquei com a vara que se disponham a aparecer dentro de quatro dias perante o tribunal de Deus, e aos outros, que os hão de sobreviver, que cada dia vão crescendo em fervor para conservar sua inocência.»

Concluído o ofício, juntou o Abade todos os religiosos, referiu-lhes sua visão e, sem nomear nenhum deles em particular, exortou a todos a dispor-se para acabar ditosamente sua carreira. Fácil é de discorrer qual seria a alegria daquela predestinada tropa de fervorosos servos do Senhor e com que fervor, com que devoção se disporiam todos para morrer dentro de quatro dias com a morte dos justos. Passaram-nos todos no exercício das virtudes mais perfeitas; confessaram-se como para morrer, e a noite que precedeu ao dia quarto a passaram toda na igreja. Ao amanhecer do dia seguinte receberam todos a sagrada Eucaristia; mandou o santo Abade que se cantassem alguns salmos e, estando todos em oração, cerca de oitenta monges passaram tranquilamente ao descanso do Senhor: pouco tempo depois expiraram outros muitos com a mesma tranquilidade; de maneira que naquele dia morreram com a morte dos Santos cento e cinquenta monges: mas com a circunstância de que não se reconheceu sua morte senão por uma espécie de relâmpago ou de resplendor que banhava de luz os cadáveres. Os que ficaram vivos, cheios de uma santa inveja dos que haviam logrado tão ditosa sorte, dobraram seu fervor de maneira que já se considerava o mosteiro de Jumièges como uma casa de anjos humanos. Foi enterrada com a maior devoção toda aquela tropa de bem-aventurados que haviam morrido com a morte do Senhor. Não lhes sobreviveu muito nosso Santo. Tendo revelação do dia em que havia de seguir a seus filhos, empregou os sete que lhe faltavam de vida em instruir todos os seus religiosos em tudo aquilo que podia adiantar ou retardar sua perfeição; em ensinar-lhes os meios de prevenir-se e armar-se contra o tentador e em exortá-los a uma perfeita caridade, a uma contínua mortificação, a uma exata observância, a uma delicadeza de consciência cada dia maior, a uma amorosa e terna confiança em Jesus Cristo e na santíssima Virgem, sob cuja especial proteção havia posto o mosteiro, e ao constante exercício de todas as virtudes. O mesmo dia de sua morte, ainda que já quase sem forças e extremamente debilitado pelas violentas acessões de uma ardente febre, que havia dissimulado até então, juntou todos os monges e, fazendo o último esforço, falou-lhes desta maneira: «Amados filhos meus, tende sempre na memória meus últimos conselhos, e como o testamento de vosso moribundo pai. Em nome de nosso divino Salvador Jesus Cristo vos admoesto e vos conjuro que vos ameis uns aos outros, sem dar jamais entrada em vosso coração à mais mínima coisa que possa esfriar nem alterar aquela perfeita caridade que é em parte o caráter dos escolhidos. Em vão haveríeis passado vossos largos dias no exercício das mais heroicas virtudes; em vão vos teriam nascido as cãs sob o pesado jugo da mais rigorosa penitência; bastaria ter aversão ao mais mínimo de vossos irmãos para irritar contra vós o coração de Deus. Nem o próprio martírio seria suficiente para fazer-vos agradáveis a seus divinos olhos se não amásseis de coração vossos irmãos. Conservai sempre entre vós esta fraterna caridade, que é como a alma de todas as comunidades.» Ao pronunciar estas últimas palavras, levantou os olhos e as mãos ao céu e morreu

com a morte dos justos no dia 15 de setembro do ano do Senhor de 680, perto dos sessenta e três de sua idade. Em vida havia sido muito célebre em seus milagres, mas o foi muito mais na morte pela multidão deles que obrou o Senhor em seu sepulcro. Edificou-se em Jumièges uma igreja dedicada a seu nome; mas na irrupção que fizeram os bárbaros no país foram levadas suas relíquias a Haspres, entre Cambrai e Valenciennes, as quais depois passaram a poder dos monges de Vast em Arras.

Santos Emila e Jeremias, Mártires

Os santos Emila e Jeremias eram naturais de Córdova, de ilustre berço, e criaram-se na igreja de São Cipriano quando os mouros regavam aquele solo com sangue de Mártires. Em nada mostraram tanto sua nobreza como na hidalguia da virtude, à qual acrescentaram o estudo das ciências: ambos eram iguais no engenho e nos costumes. Emila seguia a Igreja e se ordenou de diácono; Jeremias seguiu no estado secular; mas um e outro aproveitaram no conhecimento da língua arábica com o desígnio de conquistar o céu com a palma do martírio. Moveu-os Nosso Senhor a que, de seu próprio motivo, sem ser instados nem perseguidos por ninguém, desprezando suas vidas, se apresentassem ao juiz e se declarassem por cristãos e inimigos de sua seita. Atrás disto descobriram e condenaram os desatinos grandes do Alcorão; especialmente o santo moço Emila, com a autoridade do diaconato, carregou a mão nas blasfêmias de Maomé com tanto zelo e energia que, a respeito delas, os agarenos estimaram em pouco quantas os Mártires precedentes haviam dito.

Cegaram-se os mouros com esta luz celestial que saía das palavras de Emila: atemorizava-os o denodo com que estes homens davam a vida em defesa de sua fé. Chegaram a deliberar se lhes convinha acabar de uma vez com todos os Cristãos e destruir sua geração. Com esta ira e temor os tiveram alguns dias bem apertados no cárcere; mas, vendo que em lugar de abater o valor dos dois jovens se aumentava cada dia, degolaram-nos a 15 de setembro do ano 852. Diz Santo Eulógio que, havendo estado aquele dia o céu muito claro e sereno, no ponto mesmo em que degolaram os servos de Deus, querendo o Senhor manifestar sua indignação pela injustiça daquele castigo, escureceu-se o ar e sobreveio uma tempestade tão furiosa de trovões formidáveis e de acesos relâmpagos que parecia querer Deus aniquilar Córdova; mas nem por isso deixaram os mouros de continuar em seu bárbaro costume, em força do qual penduraram em uns paus os corpos dos dois insignes Mártires à vista da cidade para que servissem de escarmento. Depois, por ordem de Abderramão, foram lançados, com os de São Rogélio e Servo-Deus, que padeceram no dia seguinte, a uma ardente fogueira, a fim de que ficassem reduzidos a cinzas; as quais, recolhidas pelos Cristãos, depositaram-se em lugares sagrados, onde lhes tributaram a veneração correspondente.

Alguns, seguindo o breviário antigo de Córdova, chamam a Santo Emila *Emília*, e outros *Emiliano*.

Missa (oração)

A missa é da Oitava da Natividade da Virgem, e a oração é a mesma do dia 8 (veja-se).

> **Latim:** *Famulis tuis, quæsumus, Domine, cælestis gratiæ munus impertire; ut quibus beatæ Virginis partus exstitit salutis exordium, Nativitatis ejus votiva solemnitas pacis tribuat incrementum. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que concedais a vossos servos o dom da graça celestial, para que a solenidade votiva do nascimento da bem-aventurada Virgem dê aumento de paz àqueles a quem seu parto foi o princípio de salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 8 dos Provérbios (veja-se o dia 8).

Provérbios 8,22-35

> **Latim:** [22] Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret a principio. [23] Ab æterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret. [24] Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram : necdum fontes aquarum eruperant, [25] necdum montes gravi mole constiterant : ante colles ego parturiebar. [26] Adhuc terram non fecerat, et flumina, et cardines orbis terræ. [27] Quando præparabat cælos, aderam ; quando certa lege et gyro vallabat abyssos ; [28] quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum ; [29] quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos ; quando appendebat fundamenta terræ : [30] cum eo eram, cuncta componens. Et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore, [31] ludens in orbe terrarum ; et deliciæ meæ esse cum filiis hominum. [32] Nunc ergo, filii, audite me : beati qui custodiunt vias meas. [33] Audite disciplinam, et estote sapientes, et nolite abjicere eam. [34] Beatus homo qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie, et observat ad postes ostii mei. [35] Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino.

Português: [22] O Senhor me possuio no principio de seus caminhos, des do princípio antes que creasse cousa alguma. [23] Des da eternidade fui constituída, e des do principio, antes da terra ser creada. [24] Ainda não havia os abysmos, e eu estava já concebida: ainda as fontes das aguas não tínhão arrebatado: [25] ainda se não tínhão assentado os montes sobre a sua pesada massa: antes d'haver outeiros, era eu dada á luz: [26] ainda elle não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus pólos. [27] Quando elle preparava os ceos, eu me achava presente:

quando com lei certa, e dentro do seu âmbito encerrava os abysmos: [28] quando firmava lá no alto a região ethérea, e quando equilibrava as fontes das aguas: [29] quando circumscrevia ao mar o seu termo, e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites: quando sustentava pendentes os fundamentos da terra: [30] estava eu com elle regulando todas as cousas: e cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'elle: [31] brincando na redondeza da terra: e achando as minhas delicias em estar com os filhos dos homens. [32] Agora pois, filhos, ouvi-me: Bemaventurados os que guardão os meus caminhos. [33] Ouvi a instrucção, e sede sabios, e não queirais rejeitalla. [34] Bemaventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias á entrada da minha casa, e que está feito espia ás ombreiras da minha porta. [35] Aquelle que me achar, achará a vida, e haverá do Senhor a salvação.

Reflexões

O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos. Por toda a eternidade foi a santíssima Virgem objeto digno das complacências de Deus por haver estado em graça todos os instantes de sua vida em favor de um privilégio verdadeiramente singular; e, por conseguinte, haver sido sempre agradável aos olhos do Senhor e olhada sempre como Filha querida do Pai, como verdadeira Mãe do Filho e como Esposa sem mancha do Espírito Santo. Pelos caminhos de Deus podem entender-se aquelas obras ou operações divinas que se chamam *ad extra*: isto é, exteriores ou extrínsecas ao mesmo Deus, como a criação dos Anjos e dos homens, o inefável mistério da Encarnação e aquelas maravilhas ordinárias pelas quais se manifesta Deus a nós e nos fala. Possuiu, pois, Deus a Maria, amou Deus a Maria de um modo singular no princípio de seus caminhos, porque a teve presente em todas as suas divinas operações, em todos os seus mistérios. Sendo o mistério da Encarnação como o último esmero da bondade, da misericórdia e de todo o poder de Deus, e havendo de ter Maria tanta parte neste admirável mistério, não podia deixar de estar presente a seus divinos olhos como a mais cumprida, a mais perfeita, a mais nobre, a mais santa e a mais respeitável de todas as puras criaturas. Não houve instante algum de sua santíssima vida em que Deus não dissesse dela: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* Toda és formosa, amada minha, e não se achará em ti a menor mancha. Isto é o que Deus ama, o que Deus celebra, o que Deus estima e com isto mesmo premia o Senhor seus próprios dons. Só ama e só aprecia Deus a inocência. Ainda que estivesses dotado das prendas mais brilhantes; ainda que Deus te houvesse cumulado de seus mais preciosos dons, estimaria Deus estes mesmos dons; mas, quando a pessoa em quem os derrama não é pura e santa, despreza e aborrece essa pessoa. Salomão estava dotado de eminente sabedoria; Judas havia recebido o dom de fazer milagres; mas Salomão e Judas mancharam sua alma com a culpa e no mesmo ponto se fizeram execráveis aos olhos de Deus, objeto infeliz de sua mais terrível cólera. Mas que caso se faz, meu Deus, no mundo deste preciosíssimo tesouro, desta inestimável prenda da inocência? Expõe-se sem temor, sacrifica-se sem dor e deixa-se perder sem remorso. Sem embargo, que prenda merece estima sem este precioso lustre? Que verdadeiro mérito pode haver sem inocência? E, sem a inocência, onde se achará virtude? O que está em desgraça de Deus deve gloriar-se muito de ter a seu favor a estima e os aplausos dos homens? De que servirão os favores dos grandes a quem é objeto de horror aos olhos de Deus?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Mateus (veja-se o dia 8).

Mateus 1,1-16

> **Latim:** [1] Liber generationis Jesu Christi filii David, filii Abraham. [2] Abraham genuit Isaac. Isaac autem genuit Jacob. Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus. [3] Judas autem genuit Phares, et Zaram de Thamar. Phares autem genuit Esron. Esron autem genuit Aram. [4] Aram autem genuit Aminadab. Aminadab autem genuit Naasson. Naasson autem genuit Salmon. [5] Salmon autem genuit Booz de Rahab. Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Jesse. Jesse autem genuit David regem. [6] David autem rex genuit Salomonem ex ea quæ fuit Uriæ. [7] Salomon autem genuit Roboam. Roboam autem genuit Abiam. Abias autem genuit Asa. [8] Asa autem genuit Josophat. Josophat autem genuit Joram. Joram autem genuit Oziam. [9] Ozias autem genuit Joatham. Joatham autem genuit Achaz. Achaz autem genuit Ezechiam. [10] Ezechias autem genuit Manassen. Manasses autem genuit Amon. Amon autem genuit Josiam. [11] Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis. [12] Et post transmigrationem Babylonis : Jechonias genuit Salathiel. Salathiel autem genuit Zorobabel. [13] Zorobabel autem genuit Abiud. Abiud autem genuit Eliacim. Eliacim autem genuit Azor. [14] Azor autem genuit Sadoc. Sadoc autem genuit Achim. Achim autem genuit Eliud. [15] Eliud autem genuit Eleazar. Eleazar autem genuit Mathan. Mathan autem genuit Jacob. [16] Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.

Português: [1] LIVRO da geração de Jesu Christo filho de David, filho de Abrahão. [2] Abrahão gerou a Isaac. E Isaac gerou a Jacob. E Jacob gerou a Judas, e a seus irmãos. [3] E Judas gerou de Thamar a Farès, e a Zarão. E Farès gerou a Esron. E Esron gerou a Arão. [4] E Arão gerou a Aminadab. E Aminadab gerou a Naasson. E Naasson gerou a Salmon. [5] E Salmon gerou de Rehab a Booz. E Booz gerou de Ruth a Obed. E Obed gerou a Jessé. E Jessé gerou ao rei David. [6] E o rei David gerou a Salamão d’aquella que foi de Urias. [7] E Salamão gerou a Roboão. E Roboão gerou a Abias. E Abias gerou a Asá. [8] E Asá gerou a Josafat. E Josafat gerou a Jorão. E Jorão gerou a Ozias. [9] E Ozias gerou a Joathão. E Joathão gerou a Acaz. E Acaz gerou a Ezequias. [10] E Ezequias gerou a Manassés. E Manassés gerou a Amon. E Amon gerou a Josias. [11] E Josias gerou a Jeconias, e a seus irmãos na transmigração de Babylonia. [12] E depois da transmigração de Babylonia: Jeconias gerou a Salathiel. E Salathiel gerou a Zorobabel. [13] E Zorobabel gerou a Abiúd. E Abiúd gerou a Eliacim. E Eliacim gerou a Azor. [14] E Azor gerou a Sadoc. E Sadoc gerou a Aquim. E Aquim gerou a Eliúd. [15] E Eliúd gerou a Eleazar. E Eleazar gerou a Mathan. E Mathan gerou a Jacob. [16] E Jacob gerou a José esposo de Maria, da qual nasceo Jesus, que se chama o Christo.

Meditação

Sobre a devoção à santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que somente os hereges deixam de amar a santíssima Virgem e só eles desaprovam o culto que se lhe rende. Sendo inimigos do Filho, era preciso que o fossem da Mãe. Por isso, não sem razão, canta a Igreja cada dia que esta Senhora só exterminou todas as heresias: *cunctas hæreses sola interemisti.* Sempre nasce o erro com certa secreta aversão contra a Mãe de Deus, e necessariamente vai derramando a heresia este veneno no coração de seus sequazes. É coisa rara: por mais que os hereges se esforcem a dissimular seu ódio contra a santíssima Virgem, sempre assoma a cara por entre os mesmos elogios que algumas vezes afetam tributar-lhe. São uns louvores secos e descarnados, inteiramente especulativos, que só servem para sufocar aquele culto interior, aquela devoção pura e prática, aquele sincero e real amor que se lhe deve. Muito diferente é a conduta de nossa Religião. Todos os elogios que tributa à Mãe de Deus dirigem-se a estabelecer seu culto e a inspirar no coração de todos os fiéis uma terna devoção a esta Mãe dos escolhidos. Não há fiel, não há cristão verdadeiro que não tenha e que não sinta esta terna devoção à santíssima Virgem. Pode-se dizer que todos os Santos nasceram com esta confiança e com este amor. Nem esta verdadeira devoção se reduz a meros elogios ou a expressões puramente especulativas. Nasce do subido apreço, da profunda veneração, do singular respeito e do terno amor que nos inspira a Religião à Mãe de Deus; e daqui provém aquele culto particular que, sendo na verdade inferior ao que se rende a Deus, criador e dono soberano de todas as criaturas, é de ordem superior ao que se tributa aos Santos e a todos os espíritos bem-aventurados, cuja rainha é esta Senhora. E esta é a origem daquela ternura que todos os verdadeiros fiéis devem professar a esta sua boa Mãe, refúgio de pecadores, seu consolo, sua advogada, sua medianeira com o Salvador e seu asilo; daquela confiança na que é Mãe de misericórdia, cuja proteção e cujo poder estamos experimentando todos os dias; daquele zelo por honrá-la e por dilatar seu culto. Todos estes sinais tem a verdadeira devoção à santíssima Virgem, e por todos estes traços se há de conhecê-la. É ilusão persuadir-se de que, para ser devoto da Mãe de Deus, basta ter uma devoção ordinária, celebrar suas festas e fazer-lhe, por assim dizer, um pouco de corte. A verdadeira devoção se acredita com demonstrações menos equívocas.

Segundo ponto

Considera que, para ser verdadeiro devoto da santíssima Virgem, é mister fugir de todo gênero de culpas; é preciso viver inocente e cristãmente. Sendo Maria a mais pura de todas as criaturas, como poderia amar uma alma infeccionada e empestada com a horrível fedentina do pecado? Que ternura poderia sentir a respeito de uma pessoa rebelde, desobediente a seu querido Filho e seu inimigo declarado? Sendo Rainha dos Santos, só ama os que o são e os pecadores que, arrependidos, acodem a ela para sê-lo.

É grande erro imaginar que, com só rezar-lhe regular e diariamente certas devoções, com alistar-se em alguma de suas congregações ou confrarias, com manifestar e ter zelo por seu culto se pode contar no número de seus filhos, ainda que se viva dias e mais dias em pecado. Como é possível estar a um mesmo tempo em desgraça do Filho e em graça da Mãe? Necíssima extravagância! Fora do dito, para ser verdadeiro devoto desta divina Mãe, é mister tributar-lhe todos os dias algum culto particular, acudir a ela em todas as nossas necessidades, dirigir-lhe regular e diariamente alguma fervorosa oração. Esta exatidão é um sinal pouco equívoco da estima, do respeito, do amor e da confiança que temos nesta Senhora. Ter devoção com a santíssima Virgem não mais que a tempos, com intervalos e em certas ocasiões, é devoção superficial, de humor e de capricho. A verdadeira devoção é habitual e permanente, é de todos os tempos, em todos se acredita com as obras e em todos dá provas de sua virtude. Um dos principais efeitos desta ardente e sincera devoção à santíssima Virgem é aplicar-se a estudar, meditar e copiar suas ações, suas virtudes e sua santíssima vida. O vivo e eficaz desejo de imitar sua pureza, sua humildade, sua caridade, sua doçura e sua modéstia é a prova mais visível da verdadeira devoção. Se queremos ser verdadeiramente devotos da Mãe de Deus, vivamos com uma extremada pureza; havemos de ter uma humildade sem artifício, uma caridade sem acepção de pessoas, uma doçura independente de casualidades, uma modéstia inalterável, e então possuiremos aquelas virtudes que caracterizam os verdadeiros devotos de Maria e nos porão a coberto contra as ilusões que frequentemente se insinuam na devoção.

Alcançai-me, Virgem santa, estas virtudes, sem as quais nunca merecerei ser contado no número de vossos devotos. Bem sabeis, Senhora, a sinceridade com que vo-las peço, visto que as desejo de todo o coração. Dignai-vos conseguir-mas por vossa grande bondade.

Jaculatórias

Fazei, Senhora, que eu seja um de vossos verdadeiros servos. (Lc 1.)

Servo teu sou, ó Virgem santa, e em sê-lo toda a vida colocarei eu minha maior glória. (Sl 116.)

Propósitos

1. Bem se pode dizer que são muitos os devotos da santíssima Virgem; mas que há pouca devoção em muitos destes devotos aparentes. Falsamente se usurpa este glorioso título quando faltam as precisas qualidades que requer e em que se funda. É a pureza como a base da devoção à santíssima Virgem. Como é possível que se lhe agrade sem esta formosa virtude? E, sem agradar-lhe, como se pode ser devoto seu? Seja, pois, esta inestimável virtude como o cimento de tua devoção à Mãe de Deus. Ela é mãe da pureza; causa-lhe horror um coração impuro; aplica-te a viver constantemente com a maior inocência e a conservar-te numa pureza de alma e corpo à prova de todos os acidentes e de todas as tentações.

2. Não te apliques menos a imitar as demais virtudes da santíssima Virgem. A humildade foi sempre sua virtude favorecida; a modéstia constituiu em parte seu caráter. Sê humilde, sê modesto, se queres ser devoto da Mãe de Deus. É excelente meio para conseguir esta modéstia e esta humildade pedi-la a Deus, alegando este mesmo motivo de ser assim mais devoto da santíssima Virgem. Aplica-te desde hoje a conseguir esta humildade e esta modéstia, aproveitando todas as ocasiões, que costumam ser frequentes; e, quando praticares os atos de humildade, de circunspecção e de modéstia, faze-o por imitar aquela Senhora a quem amas e a quem serves.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:35 by Admin